ANO IV — BARCELOS, 19 DE SETEMBRO DE 1935 — N.º 169

BIBLIOTECA

Notícias de Barcelos

Director e Proprietario—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

Como um jornalista belga FALA DE PORTUGAL

O ilustre jornalista belga Paul Crokaert que visitou Portugal em Junho último integrado na caravana dos intelectuais europeus que assistiram às festas da cidade a convite do Secretariado da Propaganda Nacional, escreveu no «Le Soir» de Bruxelas um longo artigo a propósito do Congresso das Juventudes Operárias Católicas, (Jòcismo), que se está realizando naquela cidade, e, no decorrer do qual se refere largamente à personalidade do senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Paul Crokaert, presta tambem homenagem ao esfôrço de Portugal na obra de civilização mundial e, diz, a propósito:

—Nós, belgas, temos com razões históricas, sentimentais e económicas para amar Portugal. Em África a sua sorte será a nossa. Quando pensamos que se disse ùltimamente, que era necessário para satisfazer a Alemanha e a Itália, dividir entre estas nações as colónias portuguesas de África todo o mundo ficou indignado.

O ilustre jornalista depois de estudar a evolução política, social e económica de Portugal nos últimos anos exalta as figuras dos srs. dr. Oliveira Salazar, D. Manuel Gonçalves Cerejeira e dr. Armindo Monteiro.

A REFORMA DA MENTALIDADE

O semanário COMARCA DE CANTANHEDE, sob o titulo «A Revolução e a nova ordem social»; disse:

Os melhoramentos e progresso das nossas condições materiais asseguram, certamente, um novo período de segurança e paz a Portugal e, consequentemente, o bem-estar e confôrto de quem trabalha.

A mentalidade portuguesa, triste é confessá-lo, andava ha muito rebaixada por idéas sem grandeza e sentimentos sem nobreza, que fizeram de nós todos, os fugidos á vida espiritual, simples indiferentes no patriotismo, revoltados na sociedade e pervertidos na familia.

E daí veio a fraqueza e a corrupção dos Governos, a desordem da rua e dos espiritos, a imoralidade dos costumes e o desinterêsse pela coisa publica que, como consequência ainda, deram origem ás misérias e injustiças da sociedade.

Salazar, com o seu génio criador que vê e prevê tudo isso, procura as possibilidades financeiras mas diz, em seguida, que a Revolução continua porque, ao lado da reconstituição económica do País e acima de todo o progresso, êle sente a necessidade de reformar aquela mentalidade através duma nova ordem política e social mais conforme com as realidades nacionais e, sobretudo, mais humana, para ser mais justa para quem trabalha ou sofre a miséria da sua incapacidade ou fraqueza.»

Na Sociedade das Nações

PORTUGAL PERANTE O CONFLITO ITALO-ETIOPE

Reproduzimos a seguir, na integra, o notavel discurso do sr. Dr. Armindo Monteiro, Ministro dos Estrangeiros e presidente da delegação portuguesa na Assembleia da S. D. N.

Brilhante na forma e nos conceitos, o discurso do ilustre delegado de Portugal causou, nos meios políticos de Genebra, a melhor impressão, tendo marcado, duma maneira definitiva e clara, a posição do nosso País perante o conflito Italo-Etiope.

«O meu pais, como todos aqueles cujos delegados me precederam nesta tribuna, afirma solenemente a sua fidelidade ao Pacto. Essa fidelidade deveria ser agora inutil proclamá-la por palavras. Após 16 anos de trabalho comum, parece que em todos os actos deveria encontrar uma realização continua.

«Poderia considerar-se de mau presagio para o futuro a necessidade de reafirmar hoje a persistencia dos sentimentos de lealdade aos principios que inspiram a organisação da Sociedade das Nações, se neste momento as palavras não ameaçassem traduzir-se em sacrificios. O meu país suportará a sua quota parte nas responsabilidades, ao lado de todos os outros, para salvaguarda do sistema da segurança colectiva.

«Aceitamos as obrigações que êste comporta. O «Covenant» livremente assinado é uma das grandes bases da nossa vida nacional. A Constituição Portuguesa aconselha a arbitragem como meio de resolver os conflitos internacionais, e em todas as circunstancias cumprimos inalteravelmente as obrigações assumidas pela Nação para com os outros países.

«Evitamos todos os conflitos. Com os nossos visinhos em todas as partes do Mundo procuramos estreitar mais os intimos laços de amizade e escrupulosamente nos esforçamos por os respeitar na sua personalidade caracteristica, nos seus sentimentos, na sua vida, nas suas ambições legitimas. Ajudamos fraternalmente aqueles, podemos ajudar as suas dificuldades. Largamente, as nossas leis abrem os territórios portugueses a todos os que, sem pensamentos reservados, querem cooperar connosco no humilde e duro trabalho de cada dia. A nossa modesta casa está em ordem e (permito-me dizê-lo) próspera. Não fazemos dela monopólio. A nossa velha unidade nacional, está, larga e lealmente, ao serviço de todos com as suas tradições, os seus quadros, o seu caracter particular, as suas possibilidades. Não somos inimigos nem mesmo rivais de ninguem. As nossas actividades não ameaçam nenhuma nação. Na paz, os nossos interêsses e as nossas aspirações podem encontrar plena e inteira realização. Somos um povo de paz.

«Sem jactancia, mas porque chegou o momento de pôr em termos esta questão, acrescento que no passado fomos uma grande fôrça criadora de civilização. No presente, continuamos ardentemente a nossa missão. E a Nação portuguesa quere prossegui-la no futuro sem desfalecimento. A Natureza fez-lhe o dom supremo da vocação, e ela possui material humano, possibilidades financeiras, organisação e uma experiencia cada dia enriquecida durante mais de cinco séculos de vitórias e revezes, trabalhos e sonhos.

«A' segurança colectiva Portugal dá, assim, todas as suas forças, toda a contribuição construtiva possivel. Isso me obriga a fazer algumas observações no sentido das ideias aqui expostas nos ultimos dias.

«Cada um de nós traz a esta Assembleia duas ordens muito diferentes de interesses e sentimentos—sentimentos ditados pelo individualismo nacional e sentimento do que cada país como fôrça viva da Humanidade deve ao bem-estar geral, os interesses de cada comunidade, por vezes inviolaveis, e os interesses colectivos que todos personificam e ninguem representa. Devemos conciliá-los, e essa tarefa não é sempre fácil porque a justiça está muitas vezes de um lado e o interêsse do outro: as exigencias do egoismo nacional podem declarar-se contra a noção admitida da justiça, e acontece que todas as causas em conflito, podendo valer-se da sua parte de equidade, supõem-se as próprias causas do direito. E' facil de concluir que só os casos extremos exigem soluções absolutas. Cada povo tem o seu génio forjado por vezes, como no caso de Portugal, numa história quasi milenaria disseminada pelo Mundo. Se se quizesse diminuir ou subjugar a personalidade de um país, afastando-o das vias naturais da sua vocação, deminuir-se-ía o poder criador do homem. Se se procedesse no dominio internacional como se todos os povos tivessem a mesma mentalidade, formas identicas de assimilação e de interpretação dos factos, acumular-se-iam erros sobre erros, mal-entendidos sôbre mal-entendidos. Das nossas mãos inhabeis nasceriam inexgotaveis fontes de violencia e revolta. Nenhuma vontade humana poderia impedir o trasbordamento de um tal oceano de incompreensão. E' por isso que penso que dentro do quadro da Sociedade das Nações devem deixar-se ás combinações directas dos povos larga parte na vida das relações internacionais e na decisão das suas dificuldades mútuas. A segurança colectiva não é, nesse sentido, uma noção absoluta.

«Devo dizer que ela não está unicamente ligada á paz, isto é, á impossibilidade de um recurso á fôrça pelas armas. Isso parece-me muito importante. A segurança colectiva constitui uma garantia de integridade do território, do conjunto do território e da independência de cada membro da Sociedade na paz. A letra e o espirito do Pacto) e só mencionarei em apoio disso o artigo 10.º) não deixam nenhuma dúvida sôbre este ponto.

«A paz é em si mesma um valor tão inapreciável como a vida. Mas, como a vida, a paz não é o supremo valor. Há outras coisas que lhe são superiores. Por amor da independência e integridade do território, em cada pátria há milhões de homens dispostos a fazer, sem hesitação, a oferenda generosa da sua vida. Deve pensar-se que o direito natural e que o coração humano mandam sacrificar a paz á defesa legítima do território.

«A segurança colectiva seria pequena coisa se não pusesse ao abrigo de qualquer agressão o conjunto de cada território nacional e a independencia politica de todas as nações. E isso, meus senhores, contra a conquista, evidentemente, mas tambem contra as decisões não livremente aceitas. Por mim, devo dizer que há uma coisa que me repugna ainda mais do que a guerra—e é a espoliação por processos juridicos. A segurança colectiva deve ser a garantia do exercicio livre e pacifico das soberanias nacionais.

«Não tenham medo de fazer parar a Historia. O destino prosseguiria o seu caminho. Simplesmente, teremos realizado uma honesta tentativa pelas vias da Justiça e da Fraternidade. Será vã e inutil? Mas pregunto, então, a mim mesmo que fazem aqui os que admitem que todos os esforços pelo bem e equidade podem ser ilusorios.

«E' nesse espirito que o meu país deu a sua adesão ao Pacto e está decidido, ao lado de todas as outras nações, aos sacrificios necessarios para o fazer respeitar».

VISITAS A PORTUGAL

Ha poucos dias referiu-se a imprensa, em largo desenvolvimento, á visita de um grupo de catolicos franceses, que passearam muitas terras do nosso paiz, em todas deixando admiraveis impressões e estimulos.

Agora, são 697 catolicos inglezes que vieram visitar o nosso paiz—representantes da Inglaterra, da Irlanda e da Escocia,—chefiados por algumas figuras de destaque do clero do Reino Unido.

A certesa de que em Portugal a ordem publica foi assegurada e de que, mercê da propaganda já feita por todo o mundo das belezas deste paiz, temos estradas transitaveis e monumentos historicos dignos de serem vistos e admirados—isto faz que os estrangeiros nos visitem a miudo.

E a visita dos catolicos estrangeiros, é a certeza de que Portugal vive em paz.

Que assim seja sempre!

FUNDO DO DESEMPREGO

A entrega das guias do Fundo do Desemprego é feita até ao dia 10 do mês seguinte áquele a que se refere, sob pena de multa de 200$00 a 1.000$00.

As estampilhas teem de ser inutilisadas pelos responsaveis do Fundo do Desemprêgo e não pelos empregados, portadores das Guias.

DE TODA A PARTE

Observação justa

Santa Cruz escreveu no «*Diário do Minho*» sobre a educação das raparigas, o seguinte, que é observação atendível:

«Rica ou pobre, a rapariga terá, como regra geral, de ser esposa, mãi de família, dona de casa. E' um principio que se perde, com frequência, de vista na educação feminina. Por isso se encontram tambem com frequência bonecas e não mulheres. Abandonou-se o necessario e trocou-se pelo supérfluo; substituiu-se o essencial pelo acessório.

A música, o desenho, a piro-gravuras, as flores, todas essas prendas não fazem mal ás raparigas de certas classes, e são mesmo uteis na vida de família; mas não substituem a puericultura, a administração interna de um lar, a cosinha, a direcção das criadas, ao costume, e tudo o mais que a mulher, esposa, mãe e dona de casa precisa de saber para orientar a vida inteira dum lar.

Mas se a rapariga ê pobre e tem de mais tarde viver do trabalho, é na escola do trabalho e do amor de Deus que encontrará a adequada preparação para a vida.

Há casas de caridade que, recolhendo raparigas pobres lhes dão educação de senhoras. Péssimo serviço. Ao deixarem essas casas, estas raparigas são lançadas no mundo desarmadas para a luta pela vida. São vencidas, e encontram nesse êrro de educação o motivo do naufragio moral de que em grande número de casos são vitimas.

E' que a educação tem de ser objectiva, e de fazer-se ao ritmo das realidades de vida e das exigencias particulares de cada sexo, e até de cada classe.

Porque esta verdade nem sempre tem sido norma de educação, por isso com as raparigas acontece. o que com os operarios verificou o Cónego Cardyn:—perder-se, ao contacto das realidades da vida, o ensino do catecismo, quando pela «Acção Católica» se não continua, mas aplicando-o ás exigencias impostas pelas circunstâncias particulares de cada profissão.»

Um bom exemplo

O grupo de católicos franceses que veio de visita a Portugal, fez uma romagem junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra, que se ergue, em Lisboa, a meio da Avenida da Liberdade.

Eles espalharam sobre a relva que circunda o imponente monumento uma porção de terra tirada do cemitério português em Anas, mas antes de ser espalhada a terra, o Padre Dussonville entoou o *De-profundis*, que todos os presentes acompanharam religiosamente.

O jornal onde encontramos a informação, diz que nunca foram benzidas as pedras do monumento aos Mortos da Guerra, que nunca junto dele se haviam visto mãos erguidas, em oração; e que fora agora quebrado o encanto.

Foram franceses os que primeiro resaram ali, junto do monumento que lembra a quem por ele passa, as almas dos nossos gloriosos mortos.

Temos na nossa terra, tambem, um monumento que chama a nossa atenção—e ele é lugar de meditação, de recolhida memoração das vidas que se sacrificaram na guerra.

Passando por ele, resemos tambem pelos nossos soldados mortos, muitos dos quais são do nosso concelho.

E' um dever de piedade!

A proposito da Usura

O nosso colaborador Z. publicou no «Noticias de Barcelos» um artigo sobre a usura. A proposito dele, reproduzimos este passo de uma entrevista concedida pelo Ministro da Justiça de Espanha a um jornal de Salamanca:

—Tem V. em estudo alguma medida eficaz contra essa chaga social?

Resposta do ministro:

—Sou dos que creem que em Espanha, como em quási toda a parte, há já leis óptimas e demais. O que é preciso é cumprir com verdade e honradez as que existem.

Não temos já uma lei sobre a usura? Temos, como têm outras nações. Mas que dificil é perseguir o usurário, apanhá-lo em flagrante! Diga-me o senhor, digam os críticos fáceis da inércia do govêrno nesta parte, como em outras, qual é o meio eficaz de acabar com a usura...

Há-o? Evidentemente, mas não compete aos ministros, nem á polícia aplicá-lo.

A usura é uma consequencia. Os usurarios têm abundância de dinheiro e falta absoluta de virtude, de caridade fraterna. O remédio para as chagas da sociedade é o amor de Deus. Agravam-se todas nas sociedades que agravam a Deus.

Lêram? todos nós conhecemos factos desses vampiros que não socegam enquanto não sugam os ultimos centavos das victimas que lhe caem nas garras.

Ainda há pouco nos contaram que um desses *miseraveis* emprestou 2 contos sobre um cordão que lhe confiaram como penhor, levando o juro de *Sessenta por cento!!* È assim que se arranja o *notêlo* ..

As inundações na China

Segundo comunicado da repartição central de auxilio aos sinistrados, em Xangai, o numero das victimas humanas das ultimas inundações em Yang-Tse-Kiang, elevou-se a cem mil e os prejuizos materiais somam á volta de quinhentos milhões de libras.

A caridade heroica

A assistência das religiosas, em todo o mundo, aos leprosos, constitui, pela sua grandesa, cuidado afectuoso e e ciência médica, uma das mais gloriosas epopeias da caridade cristã. A estatistica das leprosarias católicas dá-nos estes numeros expressivos e eloqüentes: 59 leprosarias na Africa, com 5.558 leprosos; 13 na India, Ceilão e Birmânia, com 2.226 leprosos; 7 na China, com 990 leprosos; 2 no Japão, com 176 leprosos; 2 nas Indias Holandesas, com 106 leprosos; 9 na Oceania, com 1068 leprosos; 4 na América, com 333 leprosos.

A FAMILIA

E O PROBLEMA DA ASSISTENCIA

Da conversa de Salazar em «A Verdade» recortamos o seguinte:

«Novo parágrafo. Em nome doutros leitores, abordamos, agora, o problema da familia e o da Assistência.

—Sobre isso,—diz-nos, logo, o sr. Presidente -temos muito que fazer ainda.

—Trata-se dum problema fundamental, alicerce e base do Estado que estamos solidificando.

Arriscamos, a medo:

Dizem que há poucos asilos, creches, hospícios ..

Cortando-nos a palavra:

—O problema em rigor, não é êsse. A Constituição dá-lhe o indice. A nossa doutrina ensina o resto.

—?

—O que importa é robustecer, moral e materialmente, a familia para que ela possa, no seu seio, cumprir o dever sagrado da assistência.

—?

A nossa doutrina conduz a uma familia sádia, moral e fisicamente: uma familia que seja a fonte dos sentimentos mais nobres do individuo, que alimente os laços da mais viva solidariedade, do amor e da amisade. Uma familia, enfim, que seja unida e solidária, na vida e na morte, nas alegrias e sofrimentos.

—?

—Tôda a assistência deve ser prestada pela familia, no próprio lar, salvo os casos especificos, como operações cirurgicas, necessidades de grandes e indispensáveis hospitalisações, etc.

—Mas, nesse caso...

Apanhando-nos o pensamento:

—Nesse caso é necessário habilitar a familia, económicamente; para isso tendemos; e a nossa doutrina não florirá enquanto êsse objectivo não fôr atingido.

—Na verdade—ajudamos—a familia ia a caminho da dissolução!

O sr. Presidente anima se e não encobre o interesse que êste problema lhe provoca:

—A maior parte das coisas que se fazem em matéria de assistência, aliás com as melhores intenções, arrastam directamente para o comunismo.

—?

—Os pais mandam os filhos para as creches e asilos: os filhos internam os pais, e os irmãos dividem-se por sanatórios e casas de saúde. E tudo isto sabe porquê? Porque a humanidade, acobardada, teme o espectáculo da dôr! E procura afastá-lo dos olhos por todos os meios, como se a vida não fôsse, também, sofrimento e não nos impuzesse o dever de acarinhar, pessoalmente, os que sofrem!

Com estranha e sentida eloqüência:

—Mandam-se os doentes sistemáticamente, para os hospitais para se poder continuar a ir, á noite, ao cinema! Isto é comunismo puro, porque atenta, directa e gravemente, contra os alicerces morais da familia, provocando a sua dissolução.

Uma ligeira pausa para prosseguir ainda mais convincente:

—Calcule o sr.! Ainda há dias, numa revista do Estado, se defendia o aborto! E explicava-se, pormenorizadamente, como êle se devia fazer, remetendo-se as mulheres para casas de saúde, médicos, etc.

—Mas isso é...

Enérgico e vibrante:

—Isto foi assim mesmo. E isto é comunismo puro!

Apontando, numa exemplificação eloqüente, a coelheira que estava em frente:

—Iguala-se a mulher, na sua função, mais nobre, áqueles animais que para ali estão, como se a sua função na vida fôsse dar-nos filhos e abandoná-los, logo a seguir, como irracionais!

Concluindo:

A assistência deve ter, pois, origem e fim no seio da familia, salvo nos casos de manifesta impossibilidade. Para isso, o Estado cuidará de habilitar a familia, moral e económicamente, a cumprir essa sua missão fundamental. O resto é caminhar, ás cegas, para o comunismo,—com as mais nobres e louváveis intenções de se estar fazendo bem».

PORTUGAL EM GENEBRA

A acção dum diplomata português

«Ninguem deve surpreender-se que Monteiro, ministro dos Estrangeiros de Portugal, tenha dado plena e completa adesão aos pontos de vista da Inglaterra. Portugal respeitará e fará respeitar o Pacto. E' o seu interesse? Indubitavelmente, porque Portugal, como a Holanda, a Belgica, a França e a própria Inglaterra, é uma potencia colonial. Além de ser o seu dever como signatário de Pacto. Portugal assumirá, portanto, todas as suas responsabilidades.»

Do «Jornal de Genéve»

*

«O discurso do delegado de Portugal elevou o debate. As suas considerações gerais foram duma alta filosofia, fazendo desse discurso uma peça não só oportuna como, sob o ponto de vista literário e politico, de primeira ordem. Esse homem novo é alguem.»

(Palavras do delegado belga)

*

«E esse homem moço e elegante, respirando a serenidade dos fortes, esse homem de menos de quarenta anos, recordando com voz vibrante os velhos titulos de gloria da sua Patria, pareceu-me na tribuna de Genebra ser hoje o simbolo da fé que reanima os destinos da sua Pátria e a mostra, de novo, á altura das suas incomparaveis tradições.

(Palavras do jornalista J. Martin)

A mentira comunista

—

Mário Henriques apresenta no jornal de Oliveira de Frades, O LAFONENSE um confronto entre o verdadeiro nacionalismo e a tirania comunista:

«Dêsde a primeira hora que eu tenho acompanhado sempre com entusiasmo crescente o movimento salvador do verdadeiro nacionalismo, pois estou convencido que só a sua doutrina pode convir às classes trabalhadoras de que faço parte.

O comunismo anuncia-nos o advento dum mundo cheio de encantos e maravilhas. Na verdade, não haver senhores nem subordinados, não haver pequenos nem grandes, todos serem iguais e o Mundo ser de todos, há lá sonho mais lindo e sedutor? «todos terem o pão para a boca, não haver egoísmos, não haver hipocrisias, nem avareza, nem a gula, nem a cólera nem a perfídia, nem a calúnia. — Óh! a radiosa utopia de uma idade de oiro!» exclama irònicamente um conhecido escritor português.

Como vêem os comunistas já se não limitam a prometer o bacalhau a pataco, mas levam o seu desafôro ao ponto de prometerem coisas que nunca existiram no Mundo, nem jámais poderão existir...

Se alguém tiver dúvidas, ponha os olhos na experiência da Rússia comunista, onde o operário vive sujeito à mais negra das tiranias.

Ora o verdadeiro nacionalismo, não mente, fala ao povo com sinceridade e reprova abertamente os erros funestos do comunismo que só pela mentira pode vencer».

«O Diário da Manhã» comenta:

«O comunismo tentou reparar injustiças sociais prègando o ódio. Esta paixão serve para destruir mas não para construir.

Só o verdadeiro nacionalismo pode construir a Cidade Nova em que a Justiça Social não seja uma palavra vã».

D. Julieta Landolt de Sousa

No ultimo domingo, logo pela manhã, correu celere a infausta noticia do falecimento, na praia de Apulia, da sr.ª D. Julieta Landolt de Sousa, esposa muito querida do nosso amigo e camarada de redacção sr. João de Souza, Director do Banco de Barcelos.

Infelismente era verdadeira a notícia que a todos surpreendeu e deixou submersos na mais profunda dor, não só pela traiçoeira morte que enlutou aquele lar perfumado pelas mais acrisoladas virtudes cristãs e onde pontificava aquela morta querida, modelo de esposa e mãe, mas até pela simpatia de que neste nosso meio gosa o bom João de Sousa, sempre pronto a sacrificar-se pelos outros, principalmente pelos pobres a quem muito quer e a quem a sua mão bemfazeja tanto socorre.

A sr.ª D. Julieta, que estava a descansar na praia da Apulia, veio cá na 5.ª feira com o marido, demorando-se até ao sabado, pois na tarde desse dia voltaram para a Apulia. Esteve na praia até ás 11 horas da noite vindo para casa muito bem disposta. Deitou-se; pouco tempo depois sentiu-se incomodada e breves minutos passados transpunha os umbrais da Etermidade para se apresentar na presença de Deus a dar conta da sua curta passagem neste mundo de lagrimas e sofrimentos, onde praticou tantos actos de fé, caridade e amor por Jesus, pelo seu inconsolavel marido e queridos filhos que agora pranteiam a sua morte. No domingo de tarde, acompanhado de toda a familia, dava entrada o seu cadaver no lar que na vespera tinha deixado com santa alegria para ir para junto dos queridos filhos que na Apulia aguardavam a sua chegada.

Como tudo isto nos comove e nos deixa mergulhados numa cruel dôr!

O funeral da desditosa senhora constituiu uma sentida manifestação de intenso pesar e realisou se na tarde de segunda-feira, depois do responso que teve na Igreja de Santo Antonio, onde esteve depositada. Nele vimos representadas todas as classes sociais, que acompanharam á ultima morada a saudosa morta. Tomaram parte no funeral, que era dirigido pelo Sr. Dr. Miguel Fonseca, as Irmandades do Coração de Jesus, Ordem Terceira de São Francisco e Bom Jesus da Cruz, as crianças das Creches «D. Antonio Barroso», as internadas do Recolhimento Asilo do Menino Deus, as meninas do Patronato, as alunas do Colegio de Sant'Ana, o Circulo Catolico de Operarios, Comissão concelhia da União Nacional, Associação Comercial, Banco de Barcelos, Companhia Editora do Minho, etc, etc.

Ás borlas do caixão pegavam os irmãos da Veveravel Ordem Terceira de São Francisco Srs. Antonio Ferreira de Andrade, Emidio Rodrigues, Manuel dos Anjos Lebreiro, Manuel Ferreira Lemos, Manuel Gomes da Silva Moreira e Mateus Lopes dos Santos e a chave era conduzida pelo Sr. Dr. Matos Graça, antigo Governador Civil do Distrito e presidente da Assembleia Geral do Banco de Barcelos. S. Ex.ª era ladeado pelos srs. Dr. José Maria Braga da Cruz deputado á Assembleia Nacional. Dr. Augusto Casimiro Alves Monteiro, antigo ministro da Justiça. Francisco Monteiro Torres, administrador do concelho, Miguel Gomes de Miranda, presidente da Camara e Provedor da Misericordia, Conselheiro Dr. Sá Carneiro, advogado do Banco, Dr. Augusto Matos, presidente do Conselho Fiscal do Banco, Dr. Miguel Fonseca, director do Banco, Joaquim Correia de Azevedo, pela Comissão da União Nacional, João Duarte Veloso, pela Associação Comercial, João Batista da Silva Corrêa, pelo Recolhimento do Menino Deus, Eleuterio Cerdeira pela Portucalense Editora e Humberto Gonçalves e Gualter Meireles, pela Companhia Editora do Minho.

*

O sr. Dr. Joaquim Gonçalves Pais de Vilas-boas, incorporou se na Irmandade do Bom Jesus da Cruz, de que é digno Provedor.

*

Seguiam os filhos, genro e demais família da falecida conduzindo palmas, coroas e bouquets de flores naturais com as seguintes e expressivas dedicatórias:

Minha querida Leta: Pede ao nosso bom Deus que te levou, que nos encoraje a todos a suportar esta saudade que deixaste no nosso lar onde ensinaste a ser esposa e a ser mãe cristã. Do teu João.

*

O beijo que na hora da morte teu pai me confiou para ti, dá-to hoje, com saudades sentidas, aquela que êle escolheu para o lugar da tua mãe. Maria Landolt.

*

Letinha: A tua sogra, a quem tu querias como mãe, junta a esta simples mas expressiva homenagem, com a mágua imensa de todos os seus filhos. Maria.

*

Bôa Mamã: Vai descansada; cá fica sentinela vigilante do teu rebanho. Não esqueças nunca a tua Carlota.

*

Mamã: Nós, que tanto te queríamos, oferecemos-te nestas singelas flores o nosso coração inconsolavel. Maria José e Simplicio.

*

Querida Mamã: A nossa dor só pode ser traduzida pelo muito que te adoravamos. Mimi e Cunha.

*

Querida Mamã: Os teus filhos, a quem tanta falta fazes, pedem-te mais uma vez intercedas junto de Deus por eles.

Leta, Mila, João, José, Antonio e Manuel.

*

Nossa Avózinha; Pequeninos como somos, tambem sentimos a tna falta e o nosso coração pequenino, que tantas vezes ofereceste ao S. S. Sacramento, guardará eternamente a tua benção. Maria Julia-Simplicio Candido-Candido Augusto.

*

A' irmã que tanto estimavamos, com muita saudade-Sofia e José.

*

Julieta: Deixas tanta saudade ao teu irmão e cunhada que nunca te esqueceremos. José e Teresa.

*

Adeus alma generosa que tanto estimavas o teu irmão e cunhada. Eduardo e Isolina.

*

Á que serviu tão santamente de mãe ao meu chorado filho José Vaz, a gratidão sem fim dos pais reconhecidos. Rosa e Domingos Vaz.

*

A' nossa tia qu nos tem servido duma boa mãe, oferecemos flores e orações. Maria e Ana.

*

Ultima recordação de sua comadre Carolina Alves da Quinta.

*

Ultimo adeus da sua dedicada amiga Carolina da Purificação e Silva.

*

Estas flores, belas na aparencia, traduzem lagrimas saudosas dos muito amigos Maria do Carmo e João Corrêa.

*

Sentida homenagem á saudosa morta. Os filhos de J. Corrêa.

*

Sentidas condolencias dos «Graficos da Editora».

*

Ultimo adeus das orfãs do Recolhimento.

*

Saudoso adeus das creanças das Créches D. Antonio Barroso.

*

Fizeram-se representar no funeral os srs. Governador Civil do Distrito pelo sr. Administrador do Concelho; Dr. Damião Peres pelo sr. Eleutério Cerdeira, Arnaldo e Joaquim Barbosa pelo sr. Dr. Manoel Barbosa, Capitão Alçada pelo seu filho sr. Oscar Alçada, Conde de Vilas Boas, pelo sr. Carlos Ramos, João Carlos Coelho da Cruz, pelo sr. Manoel Alves Pereira, Albino Padrão pelo sr. Gaspar Andrade, Dr. Pires de Lima, pelo sr. Francisco Torres.

Foram recebidos telegramas de pêsames dos senhores Adelino Pereira, Antonio Fogaça e familia, D. Virginia Miranda, Julio Mendes Ferreira, Pedro Vasconcelos e familia, Sergio Silva, e Jacinto Furtado, do Pôrto; João Bastos, Companhia Europêa, Eduardo Plácido e esposa e Condes de Mafra, de Lisboa; Luiz Coelho, Vicente Braga, Antonio Vilhena, Manoel Boaventura e Adolfo Azevedo, de Braga; Jorge Cardielos. Pinto Basto e Dr. Sebastião de Vasconcelos, de Viana do Castelo; José Veloso, Antonio Moreira da Quinta, Antonio Rodrigues Gomes da Costa, Emilio Moreira e Abade Alexandrino Leituga, da Póvoa de Varzim; Dr. Ferreira Pedras e Miguel Matos Graça, do Gerez; Padre Sá Pereira, presidente da Câmara de Espozende; Conde de Vilas Boas e Dr. Pires de Lima, de Vila do Conde; Dr. Lima Torres, de Molêdo, D. Maria José Novais, de Nine, Mario Vinagre, de Campanhã. O ex.mo sr. Arcebispo Primaz escreveu uma sentida carta de pesames.

*

O sr. Joaquim Macedo Corrêa. de São Vicente de Areias, mandou celebrar duas missas pela alma da falecida.

*

Os colegas do sr. João de Sousa, no Conselho de Administração do Banco de Barcelos, enviaram 100$00 para serem entregues ao Recolhimento do Menino Deus, em sufragio da alma da falecida.

*

No proximo sabado, ás 9 horas, a Direcção do Banco de Barcelos, o Definitorio da Veneravel Ordem Terceira e a familia, mandam celebrar na Igreja de Santo Antonio, tres missas sufragando a alma da saudosa finada.

A MORTE

Na risonha praia da Apúlia, onde se encontrava a banhos com sua família, faleceu repentinamente, no dia 15 do corrente a Senhora D. Julieta Landolt de Sousa. Paz á sua Alma.

Eu não posso fazer o necrologio desta virtuosa senhora, porque, só a lembrança da Morte me faz tremer e cair a pena da mão. Eu, que nunca fui covarde nem medroso, tremo de susto e de mêdo só em falar da Morte. E' que, a Morte é vingativa, cruel, inexorável contra aqueles que a malsinam e atacam. Ela sente um prazer sádico em cobrir de luto e de dôr, em lançar na miséria, na viúvez e na orfandade, lares e famílias que antes eram alegres e felizes.

Vivia assim, neste engano dalma lêdo a senhora D. Julieta de Sousa, rodeada e acalentada pelos carinhos dos filhos e do marido que a idolatravam. Vivia assim, alegre e feliz, o pobre amigo João de Souza, na sua casinha florida, verdadeiro ninho de amor, com a esposa dedicada que Deus lhe deu por companheira e com a sua numerosa prole!...

Como os hércules ou gladiadores do Circo romano, o João de Sousa soube lutar e vencer. Lutou pela vida fóra, vencendo e removendo, com denodo, todos os obstáculos que se lhe atravessavam no seu caminho. Só não soube nem pôde lutar contra a Morte que dum só golpe, mas golpe certeiro, lhe arrebatou, para sempre, a sua boa e querida esposa!...

E' que, a Morte, meu pobre João de Sousa, é invencível! Perante ela, pobres ou ricos, velhos e novos, todos temos de curvar a cérviz. Todos temos de nos render à triste realidade dos factos.

Porisso volto a repetir: eu, que fui forte e audaz, tenho mêdo da Morte, a qual, sem aviso prévio, despede os seus golpes traiçoeiros sôbre as suas vítimas. Deixem me contar as minhas lúgubres impressões.

Fiz ou tentei fazer o elogio fúnebre da esposa querida do meu amigo Snr. Mário Norton, malsinando a Morte e a sua ingloria façanha; censurei-a, acusei-a de ter matado a mãe dos pobresinhos e ela, a Morte, em vez de se comover restituindo-lhe o sôpro vital, sorriu-me lugubremente com aquele enigmático sorriso das esfinges. Voltei a acusá-la de homicídio voluntário contra um anjo de caridade, mocidade em flor, que os pobres de Barcelinhos ainda hoje choram o seu desaparecimento, e a Morte, num gesto mudo mas expressivo, apontou-me para a sua foice hedionda, como que, para me dizer: Insensato! Não vez que a minha foice é a tremenda lei fatal de todos vós que andais peregrinando neste vale de lágrimas? Esta partiu hoje. e tu, viandante despreocupado, partirás àmanhã...

*

Ao contrário de tôda a gente e dos seus amigos que o visitaram neste duro iranse, eu não aconselho ao infeliz João de Sousa resignação nem lhe receito balsamos para lhe curar a ferida sangrenta do seu coração. O seu espírito cristão é bastante forte para dominar e vencer a dôr pungente que neste momento lhe alanceia a alma.

Bastará para isso, que o bom amigo João de Souza fite a Cruz Santa com aquela fé com que os israelitas fitaram a serpente de bronze para serem curados.

De resto a sua querida companheira, modelo de esposa e mãe, não morreu. Ela continuará a viver, em espírito, no coração do esposo exemplar e dos seus filhos que tanto amava.

O funeral desta bondosa e caritativa senhora, constituiu uma grande manifestação de pesar. Nos olhos da gente humilde do povo, que veio assistir à passagem dos seus restos mortais, vi lágrimas sinceras, de reconhecimento e dôr, que cativaram e impressionaram todos os que presenciaram esta cêna.

João Calado

RETIRO ESPIRITUAL

Terminou hoje o santo retiro que umas cincoenta piedosas senhoras desta cidade e aldeia fizeram no Colegio de Sant'Ana. Destas vinte quizeram ser internadas para mais abundante fruto tirarem deste retiro. As conferencias foram feitas pelo ilustre sacerdote Sr. Dr. Domingos Mauricio dos Santos que, propositadamente, veio de Lisboa para este fim.

COLEGIO DE SANT'ANA

Está aberta a matricula neste excelente Colégio para frequencia das classes primarias, admissão aos liceus e curso geral do liceu.

ECOS SEM ECO

CRUZADA NOVÍSSIMA

(Continuação)

Crusada novíssima, lhe chamamos, em razão ser o assunto da última ordem do dia; discute-se, como nunca, a questão da mendicidade, que, como di ríamos no passado *eco*, é uma questão de vida ou de morte para a sociedade do século XX.

Impõe-se, urge resolver-se a questão e se a não resolverem em muibreve espaço de tempo, o problema complicar-se-à extraordinàriamente em vista do agravamento da questão operária, do qual a mendicidade é uma parte importante.

Estado Novo, católicos, todos os que se interessam pelo bem da sociedade, devem intervir definitivamente na solução da questão da mendicidade, sem demora.

Porque se não faz um inquérito em que venham depôr os pensadores, os que ao assunto se tem dedicado, todos que estejam em condições de dar um parecer fundamentado? Esta Cruzada não vai à conquista dos lugares Santos, mas sim a reparar uma enorme lacuna, uma perigosa chaga, que de dia a dia se vai alastrando, e que ameaça avassalar o mundo.

Desejaríamos ver nela empenhadas tôdas as autoridades eclesiásticas e civis, de modo a dar-se depois de bem estudado, uma solução prática ao assunto.

Um inquérito ou coisa equivalente— como seria uma reünião de pessoas mais ou menos interessadas e mesmo apaixonadas pelo assunto, — torna-se nma necessidade urgente e inadiável, a fim-de pôrmos termo à triste, e por vezes repugnante, exposição quotidiana que fazem por essas ruas, estradas e caminhos estropeados, andrajosos e doentes, por vezes incuráveis e infecciosos.

E porque não há-de o «Notícias», êle próprio, abrir êsse inquérito, ou tomar a iniciativa de qualquer movimento eficaz e imediato a favor desta santa Cruzada?

Terão, alfim, *eco* estes nossos pobres *Ecos?* Se o tiverem, não recusaremos nosso insignificante e despertencioso o concurso — para bem das almas, alívio das misérias corporais e para paz e lènitivo de muitas famílias desprotegidas da sociedade.

Não sejamos egoístas, não sejamos orgulhosos e comodistas, mas vamos depôr a nossa pèdrinha no grandioso edifício da assistência espiritual e corporal ao miserável. Óh! quanta dôr sem lenitivo, quanta lágrima sem balsamo, quanta angústia sem consolação, quanto remorso sem arrependimento e quanta fome sem pão!

Pois tôdas estas misérias de que sofre o indigente, e quantas vezes tôdas juntas, bem podem e devem ser minoradas, e mesmo revogadas, pelo zêlo, carinho e amor com que os pobres devem ser tratados na saúde e na doença, em tôdas as vicissitudes e condições da vida. A assistência aos pobresinhos deve começar pelos doentes, e entre estes pelos pequeninos que precisam mais que ninguém de conforto e carinho daquele que já o mavioso poeta dizia «Deixo-te a outra mãe... a Caridade».

Muito e muito nos sensibilizou numa visita a Penacova o espectáculo surpreendente que nos ofereceu o internato — creche chamada *Preventòrio*, onde sorriram tantas criancinhas dos 3 aos 11 anos, tôdas elas portadoras já de doenças infecciosas, mas colocadas num autêntico paraízo terreal, onde não faltavam um clima suáve, altitude que gera ares puríssimos, higiene, limpeza, asseio inexcedível, conforto, carinho e alegria, comunicados pela bondade e sorriso das boas irmãsinhas que as veneram e cultivam. Lá está Jesus chamando as crianças — doentinhas: «Vinde tôdas a mim — mas principalmente as doentinhas, que são o objecto particular do Meu Amor».

Para o número seguinte iremos expondo, com a ajuda de Deus, o nosso humilde modo de ver sôbre a resolução prática do grande problema da assistência à mendicidade.

P. M.

Câmara Municipal

Extracto da acta da sessão de 2 de Setembro de 1935

Aos 2 de Setembro do ano de 1935, nesta cidade de Barcelos, edificio municipal e sala das sessões, reuniu a Comissão Administrativa Municipal sob a presidencia do Ex.mo Sr. Miguel Gomes de Miranda, estando presentes os vogais Srs. Francisco J. Monteiro Torres, José Gomes de Souza, Padre Domingos Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro e António Gomes de Faria Rêgo, não compareceram os vogais Srs. Dr. José Constantino Lopes Rodrigues, vice-presidente, Joaquim José de Oliveira, secretário, e José de Bessa e Menezes, vice-secretário.

Depois de dada a hora fixada para as sessões, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão em nome da lei. E eu, Oficial da Câmara, servindo de Chefe da Secretaria, li perante todos a acta da sessão anterior que foi aprovada.

EXPEDIENTE

Foi presente o balancete do cofre municipal relativo à última semana, que acusa um saldo em dinheiro de 411.969$80.

Foram autorizados os documentos de despeza n.os 1915 a 1975 no valor total de 41.553$97.

OFICIOS

Oficio do Sr. Administrador Geral dos Correios e Telégrafos preguntando se a Câmara pretende efectuar a cedência dum terreno para a construção dum edificio novo para a estação telégrafo-postal desta cidade. Resolvido oficiar que a Câmara oferece o terreno para a construção do edificio do qual oportunamente enviará planta.

Do vice-presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal das Caldas da Raínha dizendo que gostosamente representará esta Câmara na cerimónia de inauguração do Monumento à Raínha D. Leonor como lhe foi solicitado. Inteirado.

DELIBERAÇÕES

Pelo Sr. Presidente foi dito:—Que havendo alguns prédios na cidade que ameaçam ruína, o que põe em risco não só a vida dos inquilinos ou proprietários, como a do público, e que havendo várias casas públicas que com respeito a higiene muito deixam a desejar e estão em péssimas condições, principalmente em retretes. Propunha que se fizesse uma vistoria a todos êsses prédios e casas, por uma Junta composta dele Presidente, Delegado de Saúde e Engenheiro da Câmara e que se obrigassem os proprietários dos prédios em ruína a demoli-los e os das casas públicas a construírem retretes em boas condições higiénicas. O que foi aprovado.

Foram presentes duas acções do empréstimo desta Câmara contraído por deliberação de 30 de Abril de 1914, do valor de 50$00 cada uma, assentadas a António Domingues da Assunção, sendo resolvido converte-los em títulos de coupon, ao portador. Nesta altura retirou-se o vogal Sr. Francisco Torres.

REQUERIMENTOS

De Bloco Barcelos, Ld.ª, desta cidade, dizendo: Que com as obras que estão a ser executadas no L.º da Granja, foi destruida uma passagem devidamente calcetada e maquedamizada que esta firma possuia e que ligava a sua fábrica à antiga estrada do Estado e pelo direito que tinha e pela falta que faz à sua indústria, requere que lhe seja mantida a ligação à estrada ou rua em construção, bem como o recalce da parede da sua fábrica voltada ao referido largo, motivado pelo rebaixo do terreno: A' Repartição Técnica, para demarcar a largura da rua em frente ao portão da fábrica com inicio na Avenida em construção.

De Armindo Alves Ramião, desta cidade, pedindo para que seja anulada uma multa que lhe foi levantada por transgressão ao regulamento dos impostos, por o ter feito involuntariamente. Em vista da informação da Repartição de Impostos, deferido.

De José Joaquim da Mota, desta cidade, para efeitos de uma acção de posse judicial, pedindo que a Câmara delibere qual a sua situação económica. Resolvido certificar que o requerente é pobre e não ter meios para sustentar qualquer pleito judicial.

De Clemente Exposto da Câmara, indigente e cego, da freguesia de Creixomil, pedindo um subsidio para banhos de mar, juntando atestado médico. Deferido com a quantia de 50$00.

De José Pereira da Quinta, desta cidade, dizendo que em tempos apresentou uma proposta á Câmara para conjuntamente com a obra de prolongamento da rua Nova de S. Bento se transformasse a parte velha com prédios económicos (*casas tipo*), para assim dar um aspecto limpo e asseado ao local, propondo o seguinte: 1.º A Câmara verifica juntamente com o seu proprietário o valor de 20 casas terreas um prédio grande de um andar e ainda uma grande

Continua na 6.ª página

SOCIEDADE

Aniversários
Fazem anos

Dia 20—o sr. Carlos Alberto Veloso de Araujo, Antonio Augusto Vieira Correia e a menina Maria José, filha do sr. Dr. Antonio Baltazar Pereira.

Dia 23—a sr.ª D. Maria Teresa Roriz Pereira.

Dia 24—as senhoras D. Ludovina Julia Menezes Carvalho, D. Maria del Carmen Ferrer Garcia Marinho da Silva e o sr. Dr. Fernando Augusto Moreira.

Dia 25—a menina Maria da Gloria Vieira Duarte, filha do sr. João Duarte Veloso.

Títulos da dívida pública

Na Repartição de Finanças, estão dêsde há muito, títulos pertencentes a diversas Confrarias que foram trocados não tendo sido procurados pelos seus representantes legais, apezar dos avisos feitos pela Repartição.

Êsses títulos pertencem às seguintes entidades:

Junta de Gueral; Ordem Terceira de São Francisco, de Faria; Confraria do Menino Jesus, de Barcelos; Confraria de Nossa Senhora do Rosário, de Aguiar. Confrarias do Santíssimo Sacramento das frèguesias de Aguiar, Perelhal, Silveiros e Viatodos.

Farmácias de serviço

No próximo domingo e durante a semana estão de serviço permanente as farmácias de Fernando Oliveira à Avenida dos Combatentes da Grande Guerra e José Alves de Faria em Barcelinhor.

Écos da Peregrinação

Notas soltas

Apezar dos protestos. . *dos protestantes* e vários derrotistas, que teimam em querer vêr o cortejo das janelas e passeios das ruas da cidade, o número dos peregrinos tende a aumentar de ano para ano duma forma deveras consoladora. É que, os católicos sinceros, aqueles que fazem o sacrifício de se incorporarem na peregrinação, só podem e devem obedecer à voz dos seus legítimos pastores e não à voz dos falsos profetas, que, com os seus argumentos sofísticos, pretendem dividir e tresmalhar o rebanho do Senhor. Cautela, pois!...

*

Não queremos, nem é nossa intenção desvalorisar ou ofuscar os trabalhos daqueles que concorreram para o brilhantismo desta grande e imponente manifestação de fé católica. Todavia, seria uma flagrante ingratidão se não salientassemos aqui os bons serviços e o trabalho exaustivo do nosso zeloso e digno Prior, em procurar obreiros para a vinha do Senhor. Não é um elogio louvaminheiro, é simplesmente justiça.

*

A nota triste e desagradavel que indignou os peregrinos que a presenciaram, deram-a umas mulheres que, debruçadas sobre a janela ou varandim do côro, que fica sôbre a porta principal da capela, as quais, esquecendo-se do lugar e do acto sagrado que se estava a celebrar, riam, falavam e gesticulavam como se estivessem no camarote dum teatro ou numa praça de peixe.

Tirante esta cêna tão pouco edificante, não houve outra pedra de escandalo. Que Nossa Senhora da Franqueira lhes perdoe esta falta de respeito que ali praticaram na sua casa que é tambem a Casa de Deus.

SOLICITADORES DA COMARCA

Na passada segunda feira reuniram os solicitadores desta comarca, no escritorio do Sr. Manuel de Faria, para tratarem de assuntos referentes á sua classe.

Foi lavrada uma acta das resoluções tomadas, entre as quais apresentarem a sua reclamação á Camara dos Solicitadores pedindo providencias pelo ilegal funcionamento de agencias nesta cidade que, dirigidas por individuos que se intitulam procuradores e como tais colectados, exercem a procuradoria judicial, anunciando serviços exclusivos dos solicitadores.

Resolveram tambem pedir á mesma Camara para ter nesta comarca, uma das principais do Paiz, a sua representação por lh'o permitir o art.º 29.º do Regimento da Camaras dos Solicitadores, como, aliás, já tinha sido resolvido pelo ilustre Conselho Director da mesma Camara. anterior ao actual.

O § unico do art.º 280 de Decr. n.º 22.779 proíbe expressamente que os empregados das secretarias judiciais façam requerimentos, ainda mesmo aqueles que a lei não exige sejam assinados por advogado ou solicitador.

Até agora não se tem feito caso disto, mas para futuro os solicitadores farão cumprir a lei, não mais assinando requerimentos feitos por outrem, pois tambem é a mesma lei quem o proíbe aplicando-lhes pesadas sancções se tal fizerem.

DR. ADÉLIO MARINHO
Consultorio e Residencia
Rua Dom Antonio Barroso, 141
Telefone 28

FURTADO MARTINS
Advogado
Largo José Novais, 15

PAGINA DO CONCELHO

Areias, S. Vicente, 8

Obrigação de ir á missa

Creaturas ha que dizem: eu escuso de ir á missa; posso muito bem fazer oração em minha casa.

E não vos dispensais vós da oração feita em vossa casa?

Perdoa-me, se me engano; mas desconfio que nem orais em vossa casa, nem tam pouco na Igreja.

A questão não é saber se fazeis oração tão bem em vossa casa como na Igreja á Missa; mas é saber se Deus *quer* que, aos Domingos e festas de guarda, oreis á missa e não em vossa casa. Ora, ele assim o quere. Todos sabeis que as leis religiosas *obrigam em consciencia*, pois são promulgadas pela autoridade de Jesus Cristo: *Quem vos escuta, escuta-me a mim; e quem vos despresa, despreza-me a mim.*

A Santa Igreja manda-vos assistir á missa *inteira* aos Domingos e festas de guarda e portanto não indo á missa nestes dias desobedecemos á Igreja e portanto a Deus.

Qual a razão que fez promulgar esta lei tão importantissima? A necessidade do culto publico que importa render a Deus. Nós não vivemos só como homens, como cristãos; vivemos tambem como *sociedade religiosa;* e esta sociedade de que somos membros, constituida pelo mesmo Deus, tem para com ele deveres tão urgentes a desempenhar, quanto cada um de nós em particular.

Ora, o culto publico da sociedade cristã (ou Igreja) é precisamente a *assistencia ao sacrificio da missa,* que a todos nos reune na presença de Deus, no seu templo, em dias determinados para este efeito. Não nos reunirmos nestas ocasiões solenes ao resto da familia cristã, é, de algum modo, renunciarmos ao titulo de cristãos, de filhos de Deus, de discipulos de Jesus Cristo, de membros da Igreja catolica.

Por onde *é pecado mortal* deixar de assistir á missa inteira aos Domingos e festas de guarda, sem verdadeira impossibilidade. Em assunto de importancia tão capital e que tanto e tanto se despreza falarei ainda para outra vez.

—Aniversarios:— a 2 fez anos Maria da Gloria Cortez; a 10 Rosa Serafim de Figueiredo; a 11 Rosa, filha de Antonio Barbosa Fernandes e Albertina, filha de Manoel Barbosa Fernandes; a 12 Daniel, filho de Manoel Fernandes Torres.

—Tambem no dia 1 do corrente foi sepultado no cemiterio paroquial desta freguesia Domingos, filho de Antonio Fernandes de Oliveira e Olivia Gonçalves Fernandes.—C.

Vila Cova, 14

A catequese desta freguesia representou-se condignamente no certame catequístico.

E creanças e adultos, com a confraria do Santíssimo Sacramento, Associação do S. Coração de Jesus, Cruzada Eucaristica, devoção de N. Senhora do Carmo, tomaram parte na peregrinação, dirigindo o canto o dedicado amigo sr. António Figueiredo do Vale Miranda.

—As ex.mas sr.as Novais foram passar uns dias á Facha.

—No último domingo, o sr. D. António, Arcebispo Primaz, na passagem de Espozende, entrou na nossa igreja e residência paroquial.

—Arminda, esposa de Rodrigo F. Rios Novais, tem melhorado.

—O trigo embarateceu um pouco, como era justo. O govêrno publicou novas medidas, determinando novos e diferentes tipos de pão, de modo que o público fôsse beneficiado, pagando o pão por preço mais barato e de qualidade superior. Otimo! Explendido.

Merece o govêrno, por isso, louvores, agradecimentos.

Mas os nossos fornecedores, os nossos padeiros não tem estado *pela conta:* eles *decretam* (pelo menos o que nos fornece) o tipo de primeira e dão assim *uns geitos* que o público, o consumidor tem de pagar mais do que até aqui. E ainda por cima dizem... «O govêrno manda assim»... São ordens»...

E, num côro desconcertado, dado o lamiré pelos pobres e inconscientes destribuidoras do pão, o público ferido injustamente na bolsa, bocifera, queixa-se. Mas não é contra quem tem a culpa.

E pêna é que não haja quem vigie por estas coisas «minimas», zelando o prestígio das leis ou decretos bons, o que significa zelar o bom nome dos homens do governo.

Não se deve sofrer que o bom povo portuguez seja *livremente* desorientado com mentiras e a pretexto de tantas medidas boas, mas deturpadas.

Deviamos fazer a nossa despeza de pão de trigo, depois do ultimo decreto, com menos dinheiro. Gastamos mais. De quem é a culpa? Cremos que dos padeiros e de quem, devendo, os não faz cumprir.

Só faltava que até *esta* se atribuisse a Salazar!

Deus lhe conserve a paciência e a coragem!—C.

Roriz, 16

P.e Domingos Pinheiro Barbosa

Passou no dia 18 do corrente o trigéssimo dia do falecimento, na freguesia do Salvador do Campo, do saudoso sacerdote e distinto colaborador dêste jornal o sr. P.e Domingos Pinheiro Barbosa.

Não nos tendo sido possivel publicar, logo após a morte, algumas notas biográficas daquele que qual jovem planta que rebenta com grande pujança de vida, mas logo rodeada de inúmeros parasitas e espinhos a vida se lhe extingue, passamos a faze lo agora. Nasceu na freguesia do Campo a 19 de Janeiro de 1907. Graças á educação que recebeu de seus queridos pais que se empenharam em cultivar com esmero o lindo botão que daria a mais linda flor primaveril, graças tambem á educação e conselhos de seu benquistopároco, então, mui digno e actual Arcipreste de Barcelos, P.e Rios Novais, foi frequentar os seminários de Braga onde obteve sempre elevadas classificações tal era a vivacidade do seu espirito e a dedicação ao estudo tanto das ciências profanas como, quando já aluno de Teologia, das sagradas. Ordenado que foi em 1930, a 29 de Junho precisamente dia dos grandes apostolos S. Pedro e S. Paulo, celebrou a sua primeira missa a 6 de Julho, com rara pompa. Decorrido algum tempo, que passou em casa de seus pais afim de restaurar as suas então debeis fôrças visto terem sido consumidas em parte durante o tempo de estudante, passou de novo ao seminario de preparatórios, de N. S.a da Conceição, em Braga, fazendo agora parte do corpo docente.

Ai esteve como prefeito da divisão dos «pequenos» e simultâneamente regendo a cadeira de francês do primeiro e segundo ano. Tal era porém a sua diplomacia que em breve tempo conquistou rara amizade tanto entre os seus irmãos no sacerdócio como entre os seus alunos e demais pessoal do seminário. Após dois anos, pouco mais ou menos, de serviço no dito seminário obedecendo ás ordens de S. Ex.a Rev.a o Sr. D. Manoel Vieira de Matos, foi paroquiar a freguesia de S. João de Barqueiros.

Decorrido cêrca de seis meses paroquiando a dita freguesia, sobreveio-lhe uma doença, a qual junta com o grande trabalho da paróquia e com a pregação, em que, posto que novo ainda, já se mostrava exímio orador, lhe minou de tal modo a saude que se resolveu numa incurável tuberculose, o actual flagelo da humanidade, que o levou ao tumulo no dia 18 de Agosto findo.

O seu funeral realizou-se no dia 19 de Agosto com soleníssimas exéquias a que assistiram grande numero de sacerdotes e muitas pessoas de várias classes sociais; se mais não compareceram foi por o tempo ser breve para se divulgar a triste notícia. Dentre os sacerdotes alguns acompanharam o cadáver do extinto da casa de seus pais á igreja paroquial, e todos, desta, á necrópole, entoando cânticos fúnebres adequados ao acto. Não sendo nosso intento citar os nomes das pessoas de maior categoria que assistiram ao funeral, pois que isso já devia ter sido e foi mesmo já feito noutros jornais, lembra-nos apenas dizer termos visto uns grupos de pessoas de Barqueiros, que, vindo de camionete fretada propositadamente para êsse fim, com lágrimas nos olhos, assistiu a todos os actos fúnebres realizados no dia do funeral, mostrando assim a dedicação e estima que lhe devotavam. Apresentando sentidos pêsamos á familia enlutada, terminemos entoando um profundo «Requiem aeternam», rogando ao Altissimo o descanço eterno de quem tam caro foi para com os seus.

—C.

St.a Eugénia, 16

Realisa-se no proximo domingo, dia 22, como dissemos, a grande festividade a N. S.a da Vitoria, a Festa da Freguesia, cujo programa é o seguinte:

Dia 21: Ao romper da aurora uma salva de tiros. Ao meio-dia fará a sua entrada a musica brava com gaita de fole. Durante o dia e á noite fogo de artifício.

Dia 22: Nova salva de tiros anunciando a continuação da mesma festividade. Ás oito horas da manhã fará a sua entrada nessa cidade a banda dos Bombeiros de Barcelinhos dando depois entrada pelas 9 horas no terreiro da Igreja desta freguesia, onde em coreto executará algumas peças do seu reportorio. Ás 10 horas missa cantada a grande instrumental e sermão. À tarde novo sermão saindo no fim uma magestosa procissão com 5 andores e muitos anjinhos, acompanhada da mesma banda de música, a qual em seguida deliciará os forasteiros com novos acordes de música. No final e como remate da grande solenidade, será queimado o fogo preso.

—Encontra-se de luto, pelo falecimento, ha dias, nessa cidade, de uma sua sobrinha, o sr. Antonio Furtado, proprietario e professor desta freguesia.

C.

Vila Cova, 17

O sr. José Domingues Figueiredo de Oliveira partiu para a capital, para assistir ao casamento de seu filho Adelino.

—No dia 13 estiveram em Fátima os srs. Feliz Alvaro Gomes dos Santos e Luís Maria Ferreira Coelho. Vêm encantados com os actos do culto e de piedade a que assistiram; e com as terras de «Portugal lindo» que visitaram.

—A 14, uniram-se pelos laços indissoluveis do matrimónio os srs. Manuel do Vale Rozendo Júnior e Palmira Gonçalves Ferreira Neves.

—Neste mesmo dia, fizeram a primeira comunhão trinta e duas crianças: vinte rapazes e doze meninas.

—Foi batizada Beatriz, filha dos srs. Manuel Alves Gandra e Evangelina Martins dos Santos.

—A tomar parte nos exercícios espirituais, encontra-se em Barcelos a ex.ma senhora Rosa Novais.

—Partiu para o Sameiro «a ares», a sr.a D. Júlia Gomes dos Santos, professora em Forjães.

—Chegou da Facha, de visita ao rev.o pároco, seu filho, a sr.a Arminda do Vale Figueiredo de Miranda.—C.

Gueral, 17

Batizado—No último domingo teve lugar na igreja paroquial a encantadora cerimónia do batismo de Maria Alexandrina, filhinha muito estremecida do sr. António Ferreira da Silva Furtado e D. Ana Fernandes Alves, estimados proprietários desta freguesia. Foram padrinhos o sr. Manuel Leonardo de Faria, de Chorente, e a sr.a D. Alexandrina Ferreira da Silva Furtado. Assistiram ao batizado alguns parentes e amigos íntimos dos pais. Durante o trajecto da igreja para casa foi a menina muito festejada com flores, fazendo-se a tradicional distribuição de trigo e confeitos com grande gaudio de criançada.

A seguir foi servido um lauto almoço que decorreu na maior animação e alegria.

Entre os convivas deve destacar-se os dois avós da festejada, os srs. Augusto José Ferreira e Manoel Domingues Alves Júnior. A festa tornou-se mais elegante com a presença da sr.a D. Palmira Ferreira da Fonte Mendes Carvalho, a sr.a D. Tereza Ferreira da Fonte Ramos e seu esposo o sr. Eduardo Ramos, a sr.a D. Palmira Candida Ferreira da Fonte Mendes Carvalho, e o sr. José Gonçalves Martins de Azevedo.

No fim foi a festejada muito brindada com um copo de pôrto assim como seus pais, desejando-se-lhes as maiores felicidades.—C.

ASSINANTES DO CONCELHO

A todos os assinantes onde ainda não temos pessoa encarregada de fazer a cobrança, pedimos o especial favor de virem pagar as suas assinaturas á tipografia do nosso jornal, em frente ao Correio Geral.

TRABALHOS GRAFICOS

Executam-se com perfeição na

TIPOGRAFIA DESTE JORNAL

JOSÉ MARIA DA SILVA

Missa do 30.º dia—Convite e agradecimento

Ocorrendo na próxima segunda-feira, 23 do corrente, o 30.º dia sôbre o passamento do saúdoso JoséMaria da Silva, em sufrágio da sua alma é mandada rezar uma missa no têmplo do Senhor Bom Jesus da Cruz, pelas 8 horas do referido dia, agradecendo-se ás pessoas amigas e do extinto, a honra da sua presença a êsse piedoso acto.

Aproveita-se o ensejo de testemunhar tam indelével gratidão ás pessoas que, de qualquer modo, comparticiparam da dôr que rudemente feriu a família mojada, pedindo-se desculpa de qualquer falta involuntária.

Barcelos, 18 de Setembro de 1935.

A FAMILIA

S. SEBASTIÃO

Em Barcelinhos, os ex-combatentes da Grande Guerra promovem uma grande festividade em honra do Mártir cristão São Sebastião, com o seguinte programa:

Dia 28—Às 9 horas da noite Procissão das Velas que sairá da Igreja dirigindo-se à Capela de N.ª Senhora da Ponte para acompanhar a sua Imagem até à Igreja paroquial onde haverá sermão.

Dia 29—Missa solene às 12 horas e de tarde, às 15 horas, sermão e magestosa Procissão com os andores de São Sebastião, Nossa Senhora das Dores, Santo André e Nossa Senhora da Ponte, incorporando-se mais de 150 anjinhos e figuras alegóricas.

Dia 30—A's 8 horas será reconduzida à sua capelinha a Imagem de N.ª Senhora da Ponte, em procissão, acompanhada pelas Confrarias paroquiais.

A *procissão das velas*, que tão bem caiu no espírito do nosso povo, bom e crente, deve ser muito concorrida e é um dos actos do culto externo que afervora e edifica pela piedade com que tem sido feita.

Consta-nos que a Comissão anda empenhada em adquirir uma Imagem de São Sebastião, em tamanho natural, que já no próximo ano será benzida solenemente. ¡Para isso conta com ofertas de generosas e piedosas pessoas, sempre prontas a subsidiar o culto católico.

EM ARCOSELO

Na capela do Noviciado das Franciscanas Missionárias, em Arcoselo, houve na terça-feira última uma tocante ceremonia religiosa, presidida pelo Ex.mo Sr. D. Manuel Mendes da Conceição Santos, ilustre Arcebispo de Évora:—a profissão religiosa de seis Franciscanas Missionárias, entre as quais uma sobrinha daquele venerando Prelado.

Assistiram muitos sacerdotes entre os quais os Srs. P.e António Ribeiro, Provincial dos Franciscanos, Prior de Barcelos, Monsenhor Sêco, da Covilhã, Padre António Lopes, Capelão do Noviciado, Abade da Silva, Fr. António, da Ordem dos Capuchinhos, Abade de Arcoselo, e Padre Raimundo Barata, etc..

A cerimónia terminou às 10 e meia horas.

AIRES DUARTE
MEDICO
Ex-Assistente da Maternidade de Coimbra
PARTOS—CLINICA GERAL
Consult.:-L. da Porta Nova-Tel.: 129
(Das 10 ás 12 horas)
Resid.: — Rua D. António Barroso, 42

Camara Municipal

Continuado da 4.ª página

porção de terreno que possue à entrada da avenida. 2.º—Chegando a acôrdo com referencia ao seu valor o seu propriétário facilita o pagamento em 4 anos sem juro a pagar em 2 prestações anuais. 3.º—A Câmara abriga-se a fazer os muros de vedação do terreno expropriado, dando o proprietário todo o material do muro—já existente. 4.º—Nessa expropriação há uma destruição de um poço pelo que a Câmara dará a titulo de indemnização duas ou três penas de água, o preciso para alimentar uma pequena pia para serviços domésticos. 5.º—Todos os materiais existentes são pertenças do proprietário. 6.º—O proprietário obriga-se anualmente a mandar construir um grupo de casas económicas de um andar no sitio das expropriações, e 7.º—O projecto para as referidas construções será apresentado pela Câmara, sem remuneração alguma, e de acôrdo com o seu proprietário. Resolvido a Câmara nomear um perito e o requerente outro para avaliação do terreno e casas.

De Emidio Faria Leite de Carvalho, desta cidade, dizendo que em 29 do mes findo, tinha recebido uma notificação da Câmara para retirar um tapamento que há tempos mandou colocar, para dar inicio à construção das casas que deseja construir, cujo inicio foi dado nessa ocasião, pedindo para que seja essa notificação, alegando vários motivos da não continuação das obras, e um prazo, embora curto, para o cumprimento das prescrições ordenadas pela Repartição Técnica desta Câmara e a continuação do tapamento. Concedidos 30 dias imprerrogáveis para iniciar as obras, (visto o que está feito não se poder considerar como inicio), sem prejuizo dos termos da escritura respectiva.

Uma representação dos industriais de padaria desta cidade, pedindo uma remodelação na tabela. Resolvido enviá-la a S. Ex.ª o Sr. Ministro, com a devida informação.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente declarou encerrada a sessão em nome da lei.

Lição oportuna

Consta-se que uma jovem presumida dissera a uma distinta e discreta Mãe:

—Mamã, sabe? preciso estudar fisiologia, filologia e paleontologia.

A mamã advertiu á filha:

—Boas *logias* serão essas, filha: mas primeiro importa aprender cozinhologia, costorologia, limpêzologia... e para começar-mos êsses cursos, sabes? põe êste avental e pega nesta escôva. A mulher forte que o Espirito Santo nos descreve já sabes que se não desprezava destas coisas, e nelas se ocupava a Mãe de Deus.

BLOCO BARCELOS, L.DA
BARCELOS (FABRICA DA GRANJA) TELE FONE 27—BARCELOS 4775 — PORTO
EMPRÊSA DE CONSTRUÇÕES
ESPECIALISADA EM
CASAS ECONOMICAS
Fornecimento de vigamentos, Fabrica de Serração soalhos, esquadrias,
Materiais de construções, etc.
MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
— — MOVEIS E DECORAÇÕES — —

João Bernardino Ribeiro
Avenida Alcaides de Faria (Largo da Estação) BARCELOS Tel. 82
Pensão e Restaurante—Vinhos Tintos e Brancos das melhores procedências. Casa de banho e aposentos com todo o confôrto.
Mercearia—Vinhos licorosos e cereais. Sempre os melhores preços.
Deposito e Revenda das afamadas aguas minerais de VIDAGO, MELGAÇO, PEDRAS SALGADAS e SALUS.
Consulte a minha tabela de preços.
Agencia da Companhia de Seguros «A MUNDIAL». O maior organismo segurador português. Seguros em todos os Ramos. Os melhores premios.

BARCELOS — PRADO — BRAGA

Partidas de Barcelos	Partidas de Braga
8,25 da manhã	8,45 da manhã
11 10 da manhã	11 30 da manhã (a
1,25 da tarde (a)	2,15 da tarde
4 55 da tarde	5,15 da tarde
DO LARGO DA CALÇADA	DA RUA DOS CHÃOS.

N. B.—(a) *Estas carreiras não se efectuam aos domingos.*
A EMPREZA

AS BOLACHAS
"Villares"
são Bolachas
porque são
«Villares»
A' venda em toda a parte

VISITEM O GRANDE E LUXUOSO
Salão de Chá
DA
Confeitaria "VILLARES,,
RUA FORMOSA—PORTO

CASA
Arrenda-se a Casa n.º 47-49, na rua de S. Francisco. Falar Centro de Novidades.

COMPRA-SE
Quem pretender vender um engenho de cópos queira falar nesta redacção para se informar do comprador.

Advogado
António Pedrosa Pires de Lima
Campo 5 de Outubro
Consultas das 4 ás 6

José Perestrelo
Largo José Novais - BARCELOS
Automoveis de aluguer
Oleos e gasolinas

Fogão
Vende-se um muito bom e muito bom estado. Nesta redacção se informa.

OFICINA DE MARCENARIA
Encarrega-se de qualquer trabalho de marcenaria, com perfeição e por preços módicos. Manuel Maria Braga de Azevedo, em Roriz—Barcelos.

"NOTICIAS DE BARCELOS,,
ASSINATURAS
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Ano	
Barcelos	12$00
Continente	14$00
Colonias Portuguezas	25$00
Paizes Estrangeiros	30$00
Espanha	20$00

Dirigir todos os pedidos de assinatura e anuncios á Administração do «Noticias de Barcelos» ou à Tipografia deste jornal.